

## Alices

*Lucia de Fátima Estevinho Guido*

*Mariane Schmidt da Silva*

*Vinícius Abrahão de Oliveira*

*Daniela Franco Carvalho*

### *À todas as Alices que habitam os nossos devaneios infantís*

- Poderia me dizer para que lado devo ir?
- Isso depende muito do lugar aonde quer chegar - disse o Gato.
- Não me importo muito - disse Alice.
- Então não importa para que lado vai - disse o Gato.
- ... Desde que eu chegue a algum lugar - Alice acrescentou como explicação.
- Oh, com certeza chegará - disse o Gato - desde que ande o tempo suficiente.
- Alice percebeu que isso não podia ser negado, então tentou outra pergunta:
- Que tipo de gente mora por aqui?
- Naquela direção - disse o Gato - abanando a pata direita - mora um Chapeleiro - e naquela direção - abanando a outra pata - mora uma Lebre de Março. Visite qualquer deles: ambos são malucos.

**Lewis Carroll**

A epígrafe trás um trecho da obra Alice no país das maravilhas. Na fábula e no filme<sup>1</sup>, Alice está perdida na floresta, o colorido, a busca de si mesma, o relógio, o tamanho - crescer ou não. Os dilemas de Alice. Alice nas cidades<sup>2</sup>, o branco e o preto, os arranha-céus, a fotografia, a Televisão. Estar perdida na cidade e de si mesma em outro mundo que não lhe é familiar. A toca, um outro mundo, é estar perdida. A tentativa de buscar o real pelo sonho. A fotografia. Se perder de outras formas para se questionar.



<sup>1</sup> O filme Alice no país das maravilhas produzido pelo Estúdio Disney e baseado na obra de Lewis Carroll foi

<sup>2</sup> O filme Alice nas cidades do diretor Wim Wenders é a fonte inspiradora para as ideias desta discussão.

Buscamos inspiração no filme Alice nas cidades de Wim Wenders e na fábula Alice de Lewis Carroll para olhar para as Infâncias e o lugar que elas ocupam. Ambiente onde cresce a criança, o mundo das Alices separado por contextos ímpares. Na Alice de Carroll, a infância inventada na ingenuidade, em esperar crescer para se tornar adulta, o mundo mágico da criança está repleto de lugares naturais: bichos, plantas, flores, água. Alice muda de tamanho, as vezes precisa crescer, as vezes diminuir para alcançar seu desejo: *um jardim!*

A Alice de Wim Wenders se encontra e desencontra, se perde no meio da selva de pedra: Nova Iorque, os arranha-céus, as ruas, a TV, o mundo moderno atinge seu ápice. A Televisão estudada pelo Phil, personagem de Wenders que junto com Alice tenta encontrar um significado para a vida. Os dois são crianças e adultos ao mesmo tempo. O tamanho não importa mais, tampouco a idade. Phil precisa escrever um artigo sobre uma viagem aos Estados Unidos, mas só consegue fotografar. O editor não aceita as fotografias. Phil encontra Alice e se perde com ela por cidades a procura de um familiar que cuide de Alice, mas ela precisa de cuidados? Quanto a Alice de Wenders nos faz pensar na infância desprotegida? Ou na infância imersa em um mundo onde não é possível mais inserir a infância no lugar do não saber. Aonde foi parar o *jardim da infância* que a Alice de Carroll nos trás com tanta evidência?



*Alices em seus jardins*

Alices perseguem e são perseguidas pelo tempo. O relógio dita sua passagem e de forma quase esmagadora delimita o *ser criança*. O tempo as conduz. Um coelho de colete e de relógio. Países e fusos horários. Uma

teia de desafios se (des)enovela. Assim como os caminhos se fazem, as Alices devem traçar seu próprio caminho. Escolhas. Um Mestre Gato e o *para onde ir*. Phil, um carro alugado e a busca por uma casa. A responsabilidade de *tornar-se*, ser atravessada pelo novo e inesperado. Alices são criança. No País das Maravilhas ou na Cidade, no colorido ou no preto e branco.

A Alice de Wenders, insegura sobre seu futuro, ao lado de um estranho, como o coelho da Alice de Carroll, que passa apressado olhando as horas do relógio, sempre atrasado. Ambientes distintos: em Carroll lugares que lembram o mundo ainda tranquilo, mas as horas sempre passam rápido e trazem o mundo que está por vir, o mundo retratado pelas imagens do filme de Wenders. Estaria Carroll trazendo luzes do futuro para compor o presente?



*Alices e o Tempo que corre*

Os desentendimentos tão presentes na fabula de Carroll, também estão no filme Alice nas cidades. Uma série de situações nas quais Alice, de um e de outro, não tem domínio. Há quem tenha domínio de qualquer fragmento da vida? Temos nós, adultos, condições de cuidado das crianças frente às intempéries do cotidiano? Podemos compreender o outro, com comportamento distinto do nosso sem rotulá-lo de louco, *maluco*? Sentaríamos hoje para tomar interminavelmente o chá das seis na atribulação de nossas cidades? Quais afetos nos atingem quando nos deparamos com crianças perdidas em suas próprias casas? Nas ruas? Nas escolas? Os filmes nos ajudam a pensar, a sair da inércia e, talvez, a encontrar (Alices) respostas.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

BENJAMIN, W. A hora das crianças, narrativas radiofônicas. Trad. Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2015.

CARROL, L. Alice no país das maravilhas. Trad. Barbara T. Lambert. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

GUIDO, L F E. O contexto escolar na narrativa cinematográfica. IN:SELLES, S. E. et al. (Org.) Ensino de Biologia – histórias, saberes e práticas formativas. Uberlândia: EDUFU, 2009.

## Filmografia

GERONIMI, C. et al. Alice no País das Maravilhas, 1951. 1h 15 min.

WENDERS, W. Alice nas cidades. Alemanha, 1974. 1h 52 min.

## Sobre os autores:

**Lucia Estevinho Guido.** Professora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Coordenadora do grupo Estúdio MMuCCE – mídias, museus, culturas, ciência e educação.

**Mariane Schmidt da Silva.** Licencianda em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora do grupo Estúdio MMuCCE – mídias, museus, culturas, ciência e educação.

**Vinícius Abrahão de Oliveira.** Licenciando em Ciências Biológicas na Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisador do grupo Estúdio MMuCCE – mídias, museus, culturas, ciência e educação.

**Daniela Franco Carvalho.** Professora do Instituto de Biologia e do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Pesquisadora do grupo Estúdio MMuCCE – mídias, museus, culturas, ciência e educação.